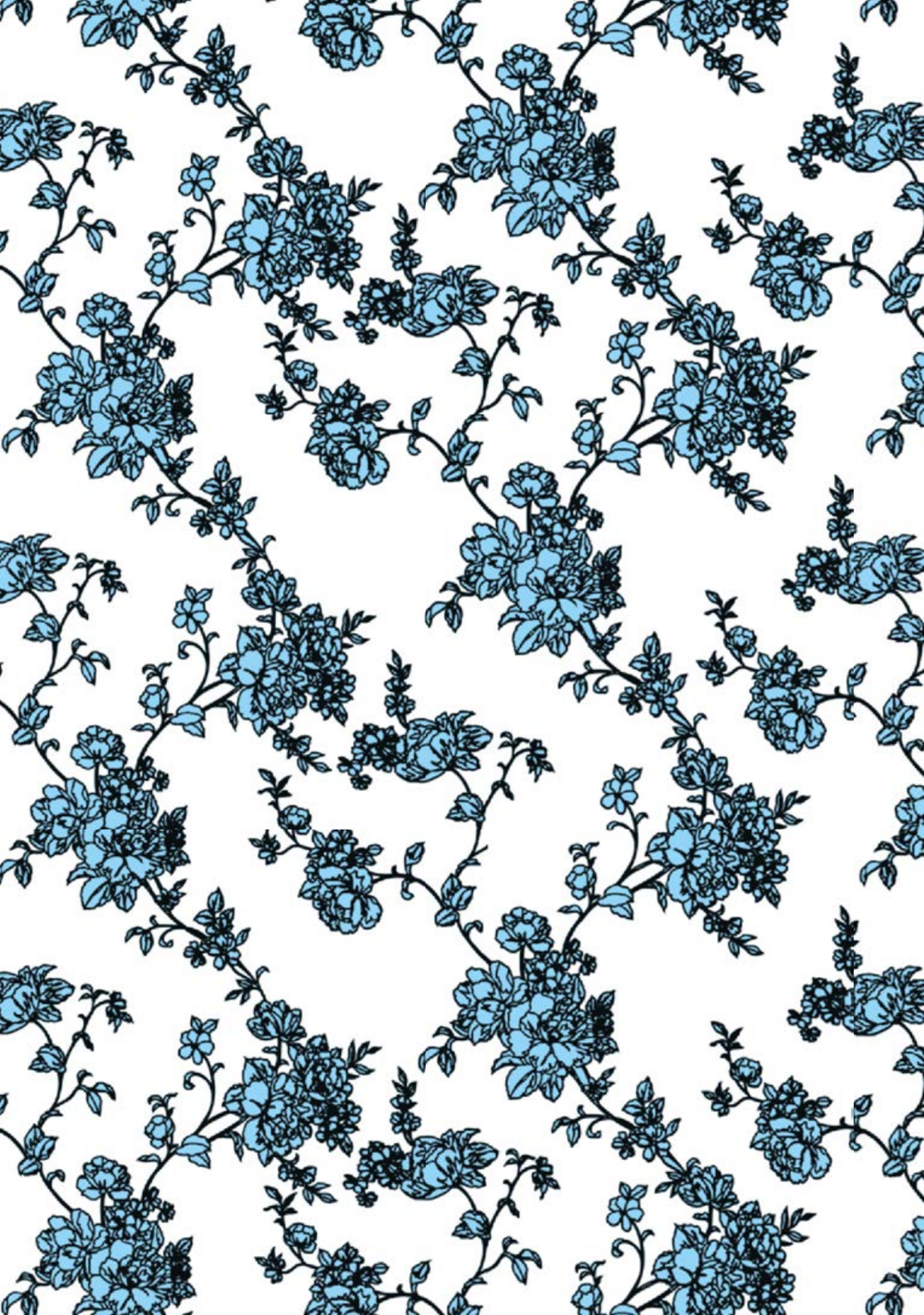
MINIATURISTA
JESSIE BURTON



Tradução de Rachel Agavino

Para Linda, Edward & Pip

A casa de bonecas de Petronella Oortman
(Rijksmuseum, Amsterdã)

O termo VOC refere-se à Companhia Holandesa das Índias Orientais, conhecida em holandês como Vereenigde Oost-Indische Compagnie (VOC). A VOC foi fundada em 1602 e administrava centenas de navios que faziam negócios na África, Europa, Ásia e no arquipélago da Indonésia.

Em 1669, a VOC tinha cinquenta mil funcionários, sessenta bewindhebbers (sócios) e dezessete regentes. Em 1671, as ações da VOC na Bolsa de Valores de Amsterdã chegavam a 570% de seu valor nominal.

Com as boas condições agrícolas e a força financeira da República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos, dizia-se que os pobres de lá comiam muito melhor que seus equivalentes na Inglaterra, Itália, França e Espanha. Os ricos comiam melhor que todos.

Saqueiem a prata! Saqueiem o ouro! Sua riqueza não tem fim; está repleta de objetos de valor!

Naum 2:9

Quando ele estava saindo do templo, um de seus discípulos lhe disse: "Olha, Mestre! Que pedras enormes! Que construções magníficas!"

"Você está vendo todas estas grandes construções?", perguntou Jesus. "Aqui não ficará pedra sobre pedra; serão todas derrubadas."

Marcos 13:1-2

(Todos os trechos são de passagens marcadas na Bíblia da família Brandt)

Igreja Antiga, Amsterdã: Terça-feira, 14 de janeiro de 1687

Era para o funeral ser bem tranquilo, pois o morto não tinha amigos. Mas, em Amsterdã, palavras são como água: inundam os ouvidos e correm por todos os lados, por isso o canto leste da igreja está lotado. Ela observa a cena da segurança do coro, enquanto homens da companhia e suas esposas se aproximam da tumba aberta como formigas seguem em direção ao mel. Logo se juntam a eles secretários da VOC, capitães de navios, regentes, pasteleiros… e ele, ainda usando aquele chapéu de aba larga. Ela tenta sentir pena do homem. A pena, diferentemente do ódio, pode ser encaixotada e esquecida.

O teto pintado da igreja — a única coisa que os reformadores não destruíram — ergue-se sobre eles como o casco emborcado de um suntuoso navio. É um espelho da alma da cidade. Pintados nas vigas antigas, Cristo em julgamento segura sua espada e o lírio, um barco dourado enfrenta as ondas, a Virgem repousa sobre uma lua crescente. Virando a velha misericórdia do assento ao lado, seus dedos percorrem o provérbio de madeira exposta. É o relevo de um homem cagando um saco de moedas, um olhar lascivo de dor em seu rosto. "O que mudou?", pergunta-se ela.

E mesmo assim…

Até os mortos estão presentes nesse dia, as tumbas escondem corpo sobre corpo, ossos sobre pó, empilhados sob os pés dos enlutados. Debaixo daquele piso há mandíbulas de mulheres, a bacia de um mercador, as costelas ocas de um nobre gordo. Há pequenos cadáveres ali, alguns menores que um pão de forma. Ela nota que as pessoas desviam o olhar daquela tristeza tão con-

centrada, que se afastam de qualquer lápide minúscula que veem, não pode culpá-las.

No meio da multidão, a mulher dá uma olhada no que a levou até ali. A garota parece exausta, o sofrimento impresso no rosto, de pé ao lado de um buraco no chão. Quase não repara nos cidadãos que foram bisbilhotar. Os carregadores de caixão sobem pela ala central, o esquife equilibrado nos ombros como se fosse o estojo de um alaúde. Pela expressão deles, pode-se concluir que alguns têm reservas quanto a este funeral. Culpa de Pellicorne, ela supõe. O mesmo velho veneno no ouvido.

Procissões como esta costumam ser mais organizadas, os burgomestres à frente e o povo atrás, mas neste dia ninguém se importou com isso. A mulher conclui que nunca houve um corpo como aquele em nenhuma das casas de Deus nos limites da cidade. Ela adora seu caráter raro, desafiador. Fundada sob risco, Amsterdã agora anseia por certeza, uma passagem ordeira pela vida, cuidando do conforto de seu dinheiro com obediência cega. "Eu já devia ter ido embora", pensa ela. A morte chegou perto demais.

O círculo se desfaz conforme os carregadores abrem caminho. Enquanto o caixão é colocado sem cerimônia no buraco, a garota se aproxima da beirada. Joga um ramalhete de flores no escuro, e um estorninho sai batendo asas, subindo pela parede caiada da igreja. Cabeças se viram, distraídas, mas a menina não se mexe, assim como a mulher do coro. As duas ficam observando o arco de pétalas no momento em que Pellicorne entoa a prece final.

Enquanto os carregadores fecham a nova tumba, uma criada se ajoelha junto à escuridão que se desvanece. Começa a soluçar, e como a garota exausta não faz nada para conter as lágrimas que surgem, tamanha falta de dignidade e disciplina é notada com um estalar de línguas. Duas mulheres usando vestidos de seda cochicham perto do coro.

— É esse tipo de comportamento que nos obrigou a vir — murmura uma delas.

— Se essas mulheres são assim em público, devem se comportar como animais selvagens a portas fechadas — responde a amiga.

— Verdade. Mas eu daria tudo para ser uma mosca naquela parede. *Bzz-bzz.*

Elas abafam uma risadinha e, no coro, a mulher percebe como os nós de seus dedos ficaram brancos de tanto apertar as misericórdias proverbiais.

Com o chão da igreja mais uma vez lacrado, o círculo se desfaz, os mortos permanecem a distância. A garota, feito uma santa que caiu do vitral da igreja,

nota os hipócritas que não foram convidados. Essas pessoas começam a conversar ao saírem para as ruas sinuosas da cidade, sendo, por fim, seguidas pela menina e por sua criada, que caminham em silêncio, de braços dados, pela ala central da igreja, até chegarem lá fora. A maioria dos homens vai voltar para suas mesas e seus balcões, porque manter Amsterdã acima da água requer trabalho constante. O trabalho pesado nos trouxe a glória, é o que diz o ditado, mas a preguiça vai nos empurrar de volta para o mar. E, hoje em dia, as águas parecem muito próximas.

Quando a igreja se esvazia, a mulher sai do coro. Ela se apressa, sem querer ser descoberta.

— As coisas podem mudar — diz, seu suspiro ecoando pelas paredes.

Ao encontrar a placa funerária recém-colocada, vê que o trabalho foi feito às pressas, o granito mais quente que o dos outros túmulos, as palavras entalhadas ainda empoeiradas. Era inacreditável que aquilo tivesse acontecido.

Ela se ajoelha e enfia a mão no bolso para terminar o que havia começado. Esta é sua própria prece, uma casa em miniatura pequena o bastante para caber na palma da mão. Nove quartos e cinco seres humanos foram esculpidos lá dentro, a arte muito intricada, produzida fora dos limites do tempo. Com cuidado, a mulher põe sua oferenda onde sempre pretendeu que ficasse, abençoando o granito frio com seus dedos enrijecidos.

Quando abre a porta da igreja, procura instintivamente o chapéu de aba larga, a capa de Pellicorne, as mulheres com roupa de seda. Todos sumiram, e ela poderia estar sozinha no mundo se não fosse pelo barulho do estorninho preso. Chegou a hora de ir, mas a mulher segura a porta aberta para o pássaro. Percebendo sua tentativa, o animal, em vez de sair, voa para trás do púlpito.

Ela fecha o interior gelado da igreja, direcionando o rosto para o sol, saindo dos canais circulares e seguindo para o mar. "Estorninho", pensa, "se acredita que esse prédio é o lugar mais seguro, então não sou eu quem vai libertá-lo".

UM

Meados de outubro, 1686

Canal de Herengracht, Amsterdã

Não deseje as iguarias que lhe oferece,
Pois podem ser enganosas.

Provérbios 23:3

De fora para dentro

Na soleira da casa de seu novo marido, Nella Oortman ergue e, em seguida, deixa cair a aldrava de golfinho, constrangida com o barulho. Embora a estejam aguardando ali, ninguém aparece. O horário foi combinado e cartas foram escritas, o papel que sua mãe tinha era muito fino comparado ao velino caro dos Brandt. "Não", pensa ela, "esta não é a melhor forma de dar boas-vindas", ainda mais considerando a cerimônia apressada de casamento no mês anterior, sem grinalda, cálice de noivado nem leito nupcial. Nella deixa seu pequeno baú e a gaiola na entrada. Sabe que vai ter de decorar a casa como um lar, só que mais tarde, depois de encontrar um jeito de entrar, um quarto, uma escrivaninha.

Nella se vira para o canal ao ouvir a risada dos barqueiros vindo da construção de tijolos do outro lado da rua. Um rapaz franzino esbarrou em uma mulher e em sua cesta de peixes, e um arenque moribundo sai deslizando pela frente ampla da saia da vendedora. O clamor áspero de sua voz rude deixa Nella toda arrepiada.

— *Idiota! Idiota!* — grita a mulher.

O rapaz é cego, e tateia o chão em busca do arenque fujão como se o peixe fosse um amuleto de prata, seus dedos ágeis, sem medo de explorar ao redor. Ele o encontra, ri e corre com a presa, o braço livre estendido e alerta.

Nella vibra em silêncio e aproveita para sentir o raro calor de outubro e desfrutá-lo enquanto pode. Esta parte do Herengracht, a Gouden Bocht, é conhecida como Curva Dourada, mas atualmente a ampla extensão é amarronzada e indistinta. Agigantando-se sobre o canal cor de lama, as casas são um fenômeno. Admirando a própria simetria na água, as construções são suntuosas e lindas, joias encrustadas no orgulho da cidade. Acima dos telhados, a natureza faz o que pode para acompanhar, e nuvens da cor de açafrão e de damasco ecoam as riquezas da gloriosa república.

Nella vira-se de novo para a porta, que está ligeiramente entreaberta. Estava assim antes? Não tem certeza. Ela a empurra, espiando o vazio enquanto um ar frio sobe do mármore.

— Johannes Brandt? — chama em voz alta, um pouco assustada.

"Isso é um jogo?", pergunta-se. "Desse jeito vou ficar em pé aqui até janeiro." Peebo, seu periquito, estremece a beirada das penas nas grades da gaiola, e seu pio fraco vai sumindo no mármore. Até mesmo o canal atrás deles, que está em silêncio, parece prender a respiração.

Ao olhar mais fundo nas sombras, Nella tem certeza de uma coisa: está sendo observada. "Ora, vamos, Nella Elisabeth", ordena a si mesma, passando pela soleira. Será que seu marido vai abraçá-la, beijá-la ou apertar sua mão como se aquilo não passasse de um negócio fechado? Ele não fez nenhuma dessas coisas durante a cerimônia, cercado pela pequena família dela e sem um membro sequer da dele.

Para mostrar que garotas do interior também têm bons modos, ela se inclina e tira os sapatos — delicados, de couro, seu melhor par, é claro, mas agora não sabe o motivo de tê-los escolhido. *Dignidade*, foi o que sua mãe falou, mas dignidade é muito desconfortável. Ela larga os sapatos, esperando que o barulho chame a atenção de alguém, ou talvez os afaste. Sua mãe diz que ela é imaginativa demais, Nella-Cabeça-nas-Nuvens. Seus sapatos jazem inertes em anticlímax e Nella simplesmente se sente boba.

Do lado de fora, duas mulheres se cumprimentam. Nella se vira, mas, pela porta aberta, vê apenas as costas de uma delas, alta, sem chapéu e com cabelo dourado, afastando-se na direção dos últimos raios de sol. O cabelo de Nella se desarrumou durante a viagem de Assendelft, a brisa suave deixou escapar alguns fios. Ajeitá-los a faria parecer mais nervosa do que ela poderia suportar, então os deixa fazendo cócegas em seu rosto.

— Vamos abrir um zoológico?

A voz vem rápida e firme do breu do saguão. Nella se contrai, porque o fato de suas suspeitas estarem certas não evita os arrepios. Ela observa um vulto deslizar para fora das sombras, com uma das mãos estendida — se em protesto ou em cumprimento, é difícil dizer. É uma mulher, ereta, magra, usando roupas muito pretas, o chapéu engomado e passado até à perfeição. Não há sequer um fio de cabelo solto, e ela tem um cheiro vago e estranho de noz-moscada. Os olhos são cinza, a boca é séria. Há quanto tempo está ali, observando? Peebo gorjeia diante dessa aparição.

— Este é Peebo — diz Nella. — Meu periquito.

— Estou vendo — responde a mulher, olhando-a de cima. — Ou ouvindo. Presumo que não tenha trazido mais nenhuma fera.

— Tenho um cachorrinho, mas ficou em casa…

— Ótimo. Ele bagunçaria nossos quartos. Arranharia a madeira. Esses cães pequenos são uma afetação dos franceses e espanhóis — observa a mulher. — Tão frívolos quanto seus donos.

— E parecem ratos — acrescenta uma segunda voz, de algum lugar no saguão.

A mulher franze a testa, fechando os olhos por um instante, e Nella a observa, perguntando-se quem mais está vendo a interação delas. "Devo ser uns dez anos mais nova que ela", pensa, "embora ela ainda tenha uma pele muito lisa". Quando a mulher passa por Nella indo em direção à porta, há graciosidade em seus movimentos, conscientes e incontritos. Lança um rápido olhar de aprovação para os sapatos ordenados junto à soleira e depois observa a gaiola, com os lábios apertados. As penas de Peebo se ouriçam de medo.

Nella decide distraí-la pegando sua mão para cumprimentá-la, mas a mulher recua diante do contato.

— Ossos fortes para alguém de dezessete anos — diz a mulher.

— Eu me chamo Nella. E já tenho dezoito — corrige Nella, recolhendo a mão.

— Sei quem você é.

— Meu nome, na verdade, é Petronella, mas lá em casa todos me chamam…

— Ouvi da primeira vez.

— Você é a governanta? — pergunta Nella.

Uma risada mal abafada ecoa nas sombras do corredor. A mulher a ignora, olhando para o crepúsculo iridescente lá fora.

— Johannes está? Sou a nova esposa dele.

A mulher continua calada.

— Nós nos casamos há um mês, em Assendelft — insiste Nella.

Parece que não há mais nada a fazer além de insistir.

— Meu irmão não está em casa.

— Seu irmão?

Outra risada no escuro. A mulher fita Nella nos olhos.

— Sou Marin Brandt — diz, como se Nella devesse entender. Marin tinha um olhar severo, mas Nella conseguia ouvir certa hesitação em sua voz. — Ele não está — continua. — Achamos que estaria. Mas não está.

— Onde ele está, então?

Marin volta a olhar para o céu. Sua mão esquerda espana o ar e, nas sombras perto da escada, surgem duas figuras.

— Otto — chama Marin.

Um homem se aproxima e Nella engole em seco, pressionando os pés gelados no chão.

A pele de Otto é escura, totalmente marrom-escura, o pescoço eleva-se da gola da camisa, os pulsos e as mãos despontam das mangas — tudo numa pele marrom-escura que dava a impressão de não ter fim. As maçãs do rosto proeminentes, o queixo, a testa larga, cada centímetro. Nella nunca tinha visto um homem como aquele.

Marin parece observá-la para descobrir o que vai fazer. A expressão nos grandes olhos de Otto não demonstra se ele percebeu a mal disfarçada fascinação de Nella. Ele se curva e a garota reage fazendo uma mesura, mordendo o lábio até o gosto de sangue lembrá-la que deve ficar calma. Nella vê a pele dele brilhar feito uma noz polida, seu cabelo preto nascendo espetado no couro cabeludo. Parece uma nuvem de lã macia, sem ser liso e oleoso como o dos outros homens.

— Eu… — diz ela.

Peebo começa a piar. Otto estende as mãos, com um par de tamancos nas palmas largas.

— Para os seus pés — fala.

Ele tem sotaque de Amsterdã, mas arrasta as palavras, tornando-as mais calorosas e fluidas. Nella pega os tamancos e seus dedos roçam a pele do homem. Desajeitadamente, leva os calçados aos pés. São grandes demais, mas ela não se atreve a dizer isso, e pelo menos mantêm a sola dos pés distante do mármore frio. Ela vai apertar as correias de couro mais tarde, quando estiver no quarto — se algum dia chegar lá, se algum dia a deixarem ir além do saguão.

— Otto é o mordomo do meu irmão — diz Marin, os olhos ainda fixos em Nella. — E esta é Cornelia, nossa criada. Ela vai cuidar de você.

Cornelia dá um passo à frente. É um pouco mais velha que Nella, talvez tenha vinte, vinte e um anos, e é ligeiramente mais alta. A criada a alfineta com um sorriso nada amigável, os olhos azuis analisando a recém-casada, notando o tremor em suas mãos. Nella sorri, sentindo a curiosidade da criada queimá-la, esforçando-se para lhe dirigir um agradecimento vazio. Parece meio grata e meio envergonhada quando Marin a interrompe:

— Deixe-me mostrar o andar de cima. Você vai querer ver seu quarto.

Nella assente e certo divertimento cintila nos olhos de Cornelia. Pios alegres vindos da gaiola ecoam alto nas paredes e, mexendo o pulso, Marin indica que a criada deve levar o pássaro para a cozinha.

— Mas e a fumaça? — protesta Nella. Marin e Otto se viram para ela. — Peebo gosta de luz.

Cornelia pega a gaiola e começa a balançá-la como se fosse um balde.

— Por favor, tome cuidado — pede Nella.

Marin encontra o olhar da criada. A mulher segue seu caminho para a cozinha, acompanhada pela fraca melodia dos pios preocupados de Peebo.

No andar de cima, Nella se sente minúscula diante da suntuosidade de seu novo quarto. Marin parece apenas contrariada.

— Cornelia exagerou nos bordados — diz. — Mas esperamos que Johannes só se case uma vez.

Há travesseiros com monogramas, uma colcha nova e dois pares de cortinas recém-colocadas.

— O peso do veludo é necessário para não deixar entrar a névoa do canal — observa Marin. — Este era o meu quarto — acrescenta, indo até a janela olhar as poucas estrelas que começam a surgir no céu, colocando a mão no vidro. — É o que tem a melhor vista, então o demos a você.

— Oh, não — retruca Nella. — Então deve ficar com ele.

As duas se encaram, confinadas pela enxurrada de bordados, pela abundância do linho repleto de letras *B* de Brandt, circundadas por folhas de videira, entrincheiradas por ninhos de pássaros erguendo-se dos canteiros de flores. As letras *Bs* haviam engolido seu nome de solteira, com suas barrigas gordas e inchadas. Sentindo-se desconfortável, mas impulsionada pelo dever, Nella passa o dedo pelo excesso de lã, tentando melhorar seu humor.

— Sua casa grande e ancestral em Assendelft é seca e quente? — pergunta Marin.

— Às vezes, fica úmida — responde Nella, curvando-se numa tentativa de ajustar, desajeitadamente, as largas correias dos tamancos em seus pés. — Nem sempre as represas funcionam. Mas não é grande…

— Nossa família pode não ter uma linhagem tão antiga quanto a sua, mas que importância tem isso diante de uma casa aquecida, seca e sólida — interrompe Marin, fazendo uma afirmação e não uma pergunta.

— É verdade.

— *Afkomst seyt niet*. Linhagem não serve para nada — continua Marin, empurrando um travesseiro para enfatizar a palavra *nada*. — O pastor Pellicorne disse isso domingo passado e anotei na guarda da nossa Bíblia. O nível da água vai subir se não tomarmos cuidado. — Ela parece estremecer para afastar um pensamento. — Sua mãe escreveu — acrescenta. — Insistiu que pagaria sua viagem até aqui. Não podíamos aceitar. Mandamos o segundo melhor barco. Você não está ofendida, está?

— Não, não.

— Que bom. O segundo melhor nesta casa ainda significa um de pintura nova e com cabine forrada de seda de Bengala. Johannes está usando o outro.

Nella pergunta-se onde seu marido está, em seu melhor barco, sem ter voltado a tempo de recebê-la. Pensa em Peebo, sozinho na cozinha, perto do fogo, próximo às panelas.

— Vocês só têm dois criados? — indaga.

— É suficiente — responde Marin. — Somos mercadores, não ociosos. A Bíblia nos diz que o homem nunca deve ostentar sua riqueza.

— Não. Claro.

— Isto é, se ainda tiver o que ostentar.

Marin a encara e Nella desvia o olhar. A luz no quarto está começando a diminuir, e Marin coloca velas finas nos candelabros. São de sebo e econômicas. Nella esperava algo mais cheiroso, como cera de abelha. A escolha por esse tipo mais fumacento e com cheiro de carne a surpreende.

— Parece que Cornelia bordou seu novo nome em tudo — comenta Marin por cima do ombro.

"É mesmo", pensa Nella, lembrando-se do olhar minucioso e sinistro da criada. Seus dedos ficarão parecendo fitas vermelhas, e quem ela vai punir por isso?

— Quando Johannes chega? Por que ele não está aqui? — pergunta Nella.

— Sua mãe disse que você estava ansiosa para começar a vida de casada em Amsterdã — comenta Marin. — Está mesmo?

— Sim. Mas para isso é preciso um marido.

No silêncio frio que se segue, Nella se pergunta onde está o marido de Marin. Talvez ela o tenha escondido no porão. Para conter o impulso desesperado de rir, Nella sorri em um dos travesseiros.

— É tudo tão lindo — diz. — Não precisava se incomodar.

— Foi Cornelia quem fez tudo. Não tenho habilidade manual alguma.

— Tenho certeza de que não é verdade.

— Tirei todos os meus quadros. Achei que estes pudessem ser mais do seu gosto.

Marin indica a parede, onde há um par de pássaros caçados retratado a óleo, pendurado num gancho, com penas e garras em destaque. Adiante na parede está o retrato de uma lebre amarrada, um prêmio de caça. Ao lado há uma pintura de um monte de ostras empilhadas num prato de estampa chinesa, sombreado por uma taça de vinho derramada e uma tigela de frutas maduras demais. Há algo inquietante nas ostras, abertas e expostas daquele jeito. Em sua antiga casa, a mãe de Nella enchia as paredes com paisagens e cenas da Bíblia.

— Esses são do meu irmão — observa Marin, apontando para um vaso cheio de flores, mais vívidas que as reais, excessivamente coloridas, e com metade de uma romã na parte de baixo da moldura.

— Obrigada.

Nella se pergunta quanto tempo levará até virá-los para a parede antes de ir dormir.

— É melhor você comer aqui em cima hoje — diz Marin. — Passou horas viajando.

— Passei, sim. Eu agradeceria.

Nella estremece internamente diante dos bicos ensanguentados dos pássaros, seus olhos vidrados, a carne desfalecendo. Ao vê-los, é tomada pela vontade de comer alguma coisa doce.

— Você tem marzipã? — pergunta.

— Não. Açúcar… não é algo que consumimos muito. Adoece a alma das pessoas.

— Minha mãe moldava o marzipã em várias formas.

Sempre havia marzipã na despensa, a única inclinação à indulgência em que a Sra. Oortman compactuava com o marido. Sereias, barcos e colares de joias açucaradas, aquela massa de amêndoas derretendo na boca. "Não pertenço mais à minha mãe", pensa Nella. "Um dia vou moldar massa para outras mãozinhas pegajosas e vozes implorando por doces."

— Vou pedir para Cornelia trazer um pouco de *herenbrood* e gouda para você — diz Marin, afastando Nella de seus pensamentos. — E uma taça de vinho do Vale do Reno.

— Obrigada. Você tem ideia de quando Johannes vai chegar?

Marin empina o nariz.

— Que cheiro é esse?

Instintivamente, Nella leva as mãos ao peito.

— Sou eu?

— É você?

— Minha mãe me deu um perfume. Óleo de lírios. É esse o cheiro que está sentindo?

Marin assente.

— É, sim. É lírio. — Ela tosse discretamente. — Você sabe o que dizem sobre lírios.

— Não. O quê?

— Primeiro a florir, primeiro a morrer.

Com isso, ela fecha a porta.

ISBN 978-85-8057-816-4
9 788580 578164
www.intrinseca.com.br